

# LINGUASAGEM

## ESTEREÓTIPOS E NOMES DE ANIMAIS USADOS COMO PEJORATIVOS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Giovanna Costa Silva<sup>1</sup>

### RESUMO

Neste artigo, investigaremos o funcionamento linguístico de injúrias com foco nos pejorativos derivados de nomes de animais no português brasileiro contemporâneo a partir da categorização desses termos em três grupos: ofensas, injúrias e injúrias de gênero. Cada categoria apresenta características específicas que influenciam seu comportamento gramatical e semântico, além de refletirem estereótipos sociais. Para essa análise, adotamos a teoria dos estereótipos proposta por Saab e Orlando (2020), cujo cerne é explorar as relações entre estereótipos (negativos) e injúrias. Nosso intuito é demonstrar que a noção de estereótipo é uma ferramenta interessante para analisar injúrias baseadas em nomes de animais do português brasileiro.

**PALAVRAS-CHAVE:** Injúrias; Semântica; Sintaxe; Zoônimos.

### ABSTRACT

In this article, we will investigate the linguistic functioning of slurs, focusing on pejoratives derived from animal names in contemporary Brazilian Portuguese. We categorize these terms into three groups: offenses, slurs, and gendered slurs. Each category has specific characteristics that influence its grammatical and semantic behavior, as well as reflect social stereotypes. For this analysis, we adopt the theory of stereotypes proposed by Saab and Orlando (2020), which centers on exploring the relationships between (negative) stereotypes and slurs. Our aim is to demonstrate that the notion of stereotype is a valuable tool for analyzing slurs based on animal names in Brazilian Portuguese.

**KEYWORDS:** Slurs; Semantics; Syntax; Zoonyms.

### Introdução

Existem expressões na língua que servem para ofender, funcionando como poderosas ferramentas para manifestar preconceitos e perpetrar agressões. Desde as ideias expostas na palestra de Kaplan (1999), houve um crescente interesse entre pessoas pesquisadoras em entender melhor a relação entre sintaxe e semântica no uso de palavras ofensivas. Estudos como os de Potts (2005, 2007), McCready (2020) e Gutzmann (2015, 2019) contribuíram significativamente para essa investigação, dentro de um modelo

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, São Paulo, Brasil; ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-7536-1078>. E-mail: [giovannacs@estudante.ufscar.br](mailto:giovannacs@estudante.ufscar.br).

formal de análise, examinando como esses termos funcionam do ponto de vista da estrutura linguística.

Tais estudos promoveram o desenvolvimento de abordagens que exploram o significado conhecido como *uso-condicional* em contraste com o significado *vericondicional*. A linguagem descritiva, também tradicionalmente nomeada de vericondicional, trata da organização do mundo, como ele é ou como pode ser, e aqui o conceito de *condição de verdade* é importante para sabermos se uma dada descrição se adequa ou não a um estado específico de mundo; trata-se do campo de estudos privilegiado da semântica formal. Por sua vez, a linguagem expressiva, também chamada de uso-condicional, tem como noção fundamental o conceito de *condição de uso*, pois aqui não se trata de avaliar se a contribuição semântica de uma sentença ou estrutura adequa-se, ou não ao mundo, mas sim sobre a condição de uso de um dado termo. O conteúdo da dimensão uso-condicional reflete - por possuir uma carga subjetiva - a opinião do indivíduo, e, portanto, não pode ser diretamente negado, apresenta um comportamento peculiar em discursos reportados e não permite que a opinião de um indivíduo seja atribuída à fala de outro. Assim, em vez de descreverem situações do mundo, os termos e expressões condicionais ao uso estabelecem contextos em que podem ser empregados de maneira apropriada.

A sentença (1), abaixo, que contém o termo expressivo (ou uso-condicional) ‘idiota’ serve para ilustrar algumas propriedades que listamos acima:

(1) Marcos é um idiota.

A expressão ‘idiota’ em (1) ofende o indivíduo Marcos e expressa a opinião do falante sobre ele. Veja como as sentenças funcionam quando envolvem negação, que é uma operação verifuncional:

- (2) a. O idiota do Marcos esqueceu o documento.
- b. O idiota do Marcos não esqueceu o documento.
- c. Não é verdade que o idiota do Marcos esqueceu o documento.

A negação em (2b) e (2c) apenas afeta a proposição *Marcos esqueceu o documento*, mas não anula a carga expressiva do termo ‘idiota’. Em outras palavras, o falante continua chamando o Marcos de idiota independente do fato de ele ter esquecido

o documento ou não, o que ocorre porque a negação é uma operação veri-funcional, uma vez que age somente sobre o valor de verdade da proposição, mas não interfere nos elementos expressivos.

Vejamos agora um padrão de acarretamento típico de termos expressivos:

- (3) a. O idiota do Marcos perdeu o prazo do concurso.
- b. O Marcos perdeu o prazo do concurso.
- c. O Marcos perdeu o prazo.
- d. O Marcos é um idiota.

Note que a sentença (3a) acarreta (3b) e (3c), assim, se a primeira sentença for verdadeira, as seguintes também serão. Porém, (3a) não acarreta (3d) pois ‘idiota’, pois se trata de uma avaliação subjetiva do falante que não pode ser generalizada<sup>2</sup>.

Tomando tais considerações como ponto de partida, nosso foco neste artigo serão os pejorativos derivados de nomes de animais no português brasileiro. Num primeiro momento, proporemos, através de testes linguísticos, que tais pejorativos podem ser divididos em três grupos: ofensas, injúrias e injúrias de gênero, cada um deles com características gramaticais e semânticas específicas que influenciam seu uso social e seu comportamento linguístico (cf. Kaplan, 1999, Potts, 2005; McCready, 2010; Gutzmann, 2015, 2019, entre vários outros). Esse será o tópico da primeira seção.

Na sequência, exploraremos uma teoria específica sobre injúrias (*slurs*, em inglês): a teoria dos estereótipos proposta por Andres Saab e Eleonora Orlando, apresentada no artigo *A Stereotype Semantics for Syntactically Ambiguous Slurs*, publicado em 2020. Basicamente, essa teoria busca compreender as razões para que certos termos sejam ofensivos e de que forma acionam conteúdos associados a estereótipos ligados aos indivíduos. Tal proposta está inserida na abordagem dualista, inspirada pelas ideias de Kaplan (1999). Essa abordagem defende que certas expressões - incluindo os pejorativos - exigem uma semântica dualista, também chamada de híbrida, bidimensional ou multi-dimensional, com a existência de (pelo menos) duas dimensões de significado, como vimos logo acima: (i) um significado representacional ou veri-condicional e (ii) um expressivo ou uso-condicional.

<sup>2</sup> O máximo que podemos dizer aqui é que o falante de (3b) pode ser consistente com (3d), mas se mudarmos o falante e/ou a situação, pode ser que (3b) seja adequada e (3d), não. Esse padrão não acontece com acarretamentos.

Assim, neste texto, nosso intuito é: (i) analisar como essa teoria lida com a descrição das injúrias do português brasileiro contemporâneo, e avaliaremos isso com (ii) a aplicação de testes linguísticos; esse será o tópico da segunda seção. Na terceira seção, abordaremos os estereótipos e injúrias baseados em nomes de animais no português brasileiro atual. Em seguida, realizaremos análises linguísticas e por fim, apresentaremos as considerações finais.

Antes de mais nada, contudo, é necessário pontuarmos aqui que não mencionaremos todos os pejorativos derivados de nomes de animais do português brasileiro atual, mas somente os mais usuais com foco nas injúrias que refletem o racismo, sexismo, homofobia e outros tipos de preconceitos mais arraigados, que estão ligados a estereótipos. Nosso intuito não é ser exaustivo, mas sim apresentar uma proposta de análise que pode ser usada num inventário maior de termos.

### **Pejorativos derivados de nomes de animais: uma tipologia**

Conforme argumentam Basso e Silva (2024) e Silva e Basso (2024), os termos pejorativos derivados de nomes de animais do português brasileiro não ofendem sempre da mesma maneira e assim podem ser classificados em três categorias gramaticais distintas, de acordo com seu comportamento semântico-gramatical: ofensas (‘anta’), injúrias (‘baleia’) e injúrias de gênero (‘cadela’).

Neste artigo, argumentaremos que ofensas são termos ou expressões que refletem a opinião do falante sobre uma pessoa em particular, limitando exclusivamente à dimensão uso-condicional quando na posição predicativa; são, portanto, unidimensionais<sup>3</sup>. Termos como ‘burro’, ‘anta’, ‘jumento’, entre outros, exemplificam essa categoria, na qual a intenção ofensiva se aplica exclusivamente ao destinatário. Vejamos:

#### **(4) Joaquim é burro**

<sup>3</sup> Há críticas quanto a unidimensionalidade de ofensas mesmo em posição predicativa. Como neste trabalho nos interessa apenas a diferença entre atacar um único indivíduo ou um grupo de indivíduos, não nos aprofundaremos nessa questão, mas cf. Basso e Nóbrega (manuscrito), Frigerio e Tenchini (2020), Soutif e Márquez (2020), entre outros.

O termo ‘burro’, que é classificado como ofensa, pode ser utilizado para atacar um indivíduo que não é considerado inteligente pelo falante e reflete assim sua avaliação subjetiva sobre Joaquim, mas sem atacar nenhum outro indivíduo.

Por sua vez, as injúrias se caracterizam por terem uma natureza bidimensional - envolvendo tanto a dimensão expressiva quanto a dimensão descritiva - e por atingirem não apenas indivíduos, mas grupos de indivíduos com determinadas características que podem ser físicas, cognitivas, sociais, entre outras (*cf.* Nunberg, 2018; Gutzmann, 2015, 2019; Orlando e Saab, 2020, entre vários outros). Esse tipo de expressão contém dois aspectos: um descritivo, que define o grupo-alvo, e um expressivo, que carrega a carga pejorativa. O componente descritivo identifica o grupo-alvo, como no caso de ‘macaco’ e ‘baleia’ que originalmente se referem a animais, mas são usados para atingir não somente o indivíduo, mas grupos inteiros, reforçando estereótipos e discriminação, como ilustra o exemplo da seguinte sentença:

(5) Márcia é uma baleia.

Numa sentença como (5), ‘baleia’ atinge não somente o indivíduo, nesse exemplo, Márcia, mas também um grupo inteiro que se refere a pessoas obesas, reforçando estereótipos estéticos como se o corpo ideal fosse o magro. Ou seja, para que um falante use ‘baleia’ eficientemente, ele deve ter uma postura negativa não somente com relação à Márcia, mas sim com relação a pessoas obesas de um modo geral, e Márcia deve ser (considerada pelo falante como) uma pessoa obesa. Via de regra, devido a maior pressão estética ainda presente na sociedade, esse termo tende a ser mais direcionado às mulheres, no entanto, por não se restringir exclusivamente a esse grupo, não se enquadra enquanto uma injúria de gênero, embora continue sendo uma injúria.

Por fim, as injúrias de gênero, que pode ser pensada como uma subcategoria das injúrias, se aplicam desproporcionalmente a um gênero específico (Ashwell, 2016; Scruton, 2017) tendo a grande maioria dessas expressões as mulheres como alvo no caso do português brasileiro. Podemos citar como exemplos as expressões ‘piranha’ - associado à prática de libertinagem e promiscuidade - e ‘vaca’ que tem menos conotação sexual do que já teve em outras épocas, mas que ainda se enquadra como injúria de gênero. Observe:

(6) Pietra é uma vaca.

No exemplo em (6), ‘vaca’ pode ser associada a uma mulher desagradável que tem atitudes negativas, pode demonstrar raiva ou desprezo por parte do falante dessa sentença. Se enquadra em uma categoria comportamental, porém também pode ter uma conotação específica ligada à sexualidade, ou seja, desmoraliza as mulheres insinuando que ela possui um comportamento considerado inadequado ou promíscuo segundo padrões machistas. Seja como for, essas injúrias não podem ser usadas para homens, e quando o são, ou as sentenças resultantes são ruins, ou têm interpretações diferentes, às vezes irônicas (*cf. João é uma vaca, Antonio é piranha*).

A tabela abaixo, baseada em Silva e Basso (2024), traz um breve resumo dos tipos de pejorativos derivados de nomes de animais no PB com relação às categorias semântico-gramaticais que vimos acima:

| Ofensas                                                                               | Injúrias              | Injúrias de gênero                              |
|---------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------|-------------------------------------------------|
| anta, burro, cão, cobra, jumento, porco, jegue, égua, mula, rato, tartaruga, toupeira | veado, macaco, baleia | cachorra, cadela, galinha, perua, piranha, vaca |

**Tabela 1** - Tipos de pejorativos derivados de nomes de animais <sup>4</sup>

Uma vez diante dessa tipologia, nosso foco, como adiantado, serão as injúrias derivadas de nomes de animais. As injúrias já foram analisadas por diferentes teorias (Numberg, 2018; Davis & McCreedy, 2020) que tentam explicar seu funcionamento linguístico e social, com base nas mais distintas propostas teóricas. Na seção a seguir, apresentaremos e exploraremos a abordagem de Orlando e Saab (2020).

### Injúrias e estereótipos

Sabemos que existem diferentes tipos de estereótipos associados a grupos sociais, culturais e regionais distintos de pessoas, que nem sempre são verdadeiros e que reforçam muitas vezes visões preconceituosas, como aqueles associados a homossexuais, pessoas

<sup>4</sup> Fonte: Silva e Basso (2024, p. 8).

transsexuais, imigrantes, pessoas não brancas<sup>5</sup>, mulheres, entre diversos outros grupos de indivíduos. Alguns estereótipos podem ser semelhantes entre diferentes comunidades, mas, em geral, variam conforme a cultura e as características de cada grupo da sociedade. Além disso, os estereótipos não são estáticos, com o passar do tempo e as mudanças na sociedade certos estereótipos podem deixar de existir enquanto novos podem surgir.

Os estereótipos, numa primeira vista, podem parecer uma lista de características aplicadas a indivíduos que são, supostamente, instanciadas por eles. Porém, estereótipos, do ponto de vista semântico, vão, além disso, e podem fazer parte essencial do significado de certas expressões que veiculam estereótipos. Vejamos uma definição do conceito de estereótipos de Orlando & Saab (2020, p. 03, tradução nossa<sup>6</sup>):

Os estereótipos culturais são conjuntos de crenças esquemáticas, simplistas, excessivamente generalizadas e, na maioria das vezes, falsas, que envolvem uma visão preconceituosa dos grupos correspondentes. Eles são fundamentados em atitudes e práticas discriminatórias profundamente enraizadas em uma comunidade.

Se seguirmos a *Tese da Identidade*, defendida em algumas abordagens dualistas de linguagem, a fim de explicar o significado de termos pejorativos, devemos entender que o significado representacional de um termo pejorativo é idêntico ao significado representacional do seu equivalente neutro. No entanto, o significado expressivo carrega um tom pejorativo, calcado justamente num estereótipo ligado ao termo com carga expressiva. Para ilustrar, vejamos o exemplo de uma injúria do português brasileiro: ‘galinha’<sup>7</sup> que possui um valor expressivo negativo, enquanto o termo neutro ‘ave’ descreve a mesma realidade, não carrega um significado (expressivo) baseado num estereotípico pejorativo.

Independentemente do valor emocional, ambos os termos se referem à mesma coisa no plano descritivo (ainda que ‘galinha’, sempre do ponto de vista descritivo, seja mais específico que ‘ave’ - trata-se aqui de uma relação de hiperonímia). Porém, no nível do significado representacional, que inclui a dimensão expressiva, apenas ‘galinha’ descreve a propriedade de agir de maneira promíscua.

<sup>5</sup> Aqui nos referimos a pessoas não brancas, como: pessoas pretas, indígenas ou amarelas, que geralmente são os maiores alvos de preconceitos raciais no Brasil.

<sup>6</sup> No original: “Cultural stereotypes are sets of schematic, simple-minded, oversimplified and mostly false beliefs involving a prejudicial view of the corresponding groups. They are founded on discriminatory attitudes and practices that are deeply entrenched in a community”.

<sup>7</sup> Reconhecemos que o termo ‘galinha’ também é usado para homens, porém em um sentido bem menos pejorativo do que quando usado para mulheres.

Se pensarmos num termo neutro equivalente, que se refira a uma mulher sexualmente ativa ou mulher livre, ele também descreve alguém com comportamentos semelhantes, porém sem recorrer a uma metáfora animalizada.

Portanto, de acordo com a Tese da Identidade, no nível representacional, ‘galinha’ e ‘mulher sexualmente ativa’ são idênticos, pois ambos se referem à mesma propriedade e ao mesmo conjunto de pessoas, independentemente da carga emocional negativa que ‘galinha’ possa carregar.

Para ilustrar, vamos considerar as sentenças (7) e (8):

(7) Mariana é uma galinha.

(8) Mariana é uma mulher sexualmente livre.

Ambas essas sentenças possuem as mesmas condições de verdade, ou seja, algo como (7) ou (8) são verdadeiras se e somente se Mariana mantém sua sexualidade livre além dos padrões tradicionalmente esperados pela sociedade.

No entanto, ao contrário da expressão ‘mulher sexualmente livre’, ‘galinha’ também possui um significado expressivo, carregando uma forte carga pejorativa e evocando um julgamento moral machista. Essa dimensão expressiva diferencia o uso pejorativo de seu equivalente neutro. Segundo Orlando e Saab (2020), esse componente de significado pejorativo vem da associação estereotipada negativa entre ‘galinha’ e o machismo ligado a mulheres sexualmente ativas.

É interessante, agora, elaborar um pouco sobre a ideia de estereótipos na semântica e na filosofia - um tema complexo e denso, que apenas podemos ilustrar aqui com o intuito de esclarecer seu emprego.

Para Putnam (1970, 1975), por exemplo, o conceito de estereótipo não constitui o significado inteiro de uma expressão, mas somente um fator do seu significado, ou seja, cada termo possui um duplo significado: um estereótipo e uma extensão. Portanto, o estereótipo não determina sozinho a extensão de um termo, é um conjunto de características típicas ou paradigmáticas associadas a um termo, mas ele não define de maneira rigorosa quais objetos pertencem à categoria nomeada pelo termo.

A extensão trata-se do conjunto de entidades no mundo real que o termo designa e é determinada pela maneira como a palavra foi historicamente fixada e transmitida em uma comunidade linguística. Para que um indivíduo utilize um termo corretamente numa comunidade linguística, dentro de uma língua, é necessário conhecer também o

estereótipo ligado a esse termo (caso ele o possua); ainda que contenha informações irreais, saber quais estereótipos estão ligados às expressões de uma língua, faz parte da competência linguística.

Já o estereótipo em um sentido fregeano pode fazer parte da noção tradicional de intensão de um termo, ou seja, determinam as possibilidades de referência em diferentes mundos possíveis e caracterizam assim a própria definição de uma expressão, ao determinar as suas extensões correspondentes.

É importante pontuar que Frege não falava diretamente sobre estereótipos, mas sim sobre os conceitos de sentido e referência por isso podemos relacionar o sentido fregeano como a forma como compreendemos um termo tendo uma relação mais direta com a determinação da referência que seria o objeto no mundo ao qual um termo se refere.

Como podemos ver, estereótipos são um tema interessante e que atuam, ainda que não objetivamente, na definição do significado e do uso de expressões das línguas naturais. Justamente por serem importantes na determinação da referência e do uso, podem ser relevantes para lidar com a dimensão uso-condicional, e é nessa ideia que se baseia a proposta de Orlando e Saab (2020) de lançar de estereótipos para dar conta da dimensão expressiva de injúrias.

### **Estereótipos e injúrias baseados em nomes de animais no PB**

Os estereótipos de injúrias geralmente contêm conceitos avaliativos e carregam uma valência global negativa devido à crença preconceituosa de que as pessoas que pertencem ao grupo alvo possuem diferenças significativas distintas do resto da comunidade, o que pode gerar desconfiança, descredibilidade, rejeição, etc.

Necessitamos ressaltar que todos os estereótipos de injúrias codificam um valor negativo, ou seja, possuem uma valência negativa. No entanto, isso não implica que algumas injúrias sejam consideradas intrinsecamente *piores* do que outras, o que depende dos conceitos constitutivos dos estereótipos de cada injúria, o preconceito e a subordinação dos grupos os quais são alvos. Trata-se de uma complexa dinâmica sócio-histórica em constante mudança.

Segundo a análise que adotamos aqui, os estereótipos de injúrias constituem uma dimensão de significado expressivo, incluem conceitos avaliativos - fornecem informações sobre o termo e carregam um juízo de valor, além de codificar um valor

global negativo, ou seja, já trazem uma conotação pejorativa, principalmente quando estamos falando sobre injúrias.

Como vimos na primeira seção, o português brasileiro possui um inventário vasto de termos pejorativos derivados de nomes de animais, dentre eles, temos algumas injúrias como ‘baleia’, ‘cadela’, ‘galinha’, ‘macaco’, ‘piranha’, ‘vaca’ e ‘veado’. Sabemos que esses termos não são todos iguais em relação ao seu uso e para quem se destina, alguns por ofenderem a sexualidade, outros por se referirem a racialidade e pelo formato do corpo das pessoas (cf. Silva e Basso, 2024). Também existem injúrias que se referem à sexualidade, tais termos - infelizmente ainda muito utilizados na sociedade atual - podem ser divididos em uma subcategoria das injúrias, denominada injúrias de gênero.

Chamar indivíduos usando nomes de animais é uma estratégia de desumanização que ocorre por comparação e pode se dar por estereótipos direcionados às mulheres, sugerindo promiscuidade, misoginia ou comportamento considerado inadequado, como no caso de ‘cadela’, ‘galinha’, ‘piranha’ e ‘vaca’; pode ocorrer também para insultar pessoas obesas como o termo ‘baleia’, reforçando estereótipos gordofóbicos; há injúrias racistas direcionada a pessoas pretas, como o caso de ‘macaco’, e injúrias homofóbicas especificamente contra homens gays, como é o caso de ‘veado’<sup>8</sup>.

Se pensarmos nos conceitos associados aos estereótipos, podemos dividir o estereótipo associado ao termo ‘piranha’, por exemplo, que é uma injúria de gênero - misógina - dirigida, mais frequentemente, a mulheres, em alguns conceitos que o compõem:

- (i) conceito descritivo: mulher considerada promíscua ou que têm comportamentos sexuais considerados fora dos padrões morais tradicionalmente impostos;
- (ii) conceitos éticos densos com uma valência negativa definida: vulgar, imoral, desrespeitável;
- (iii) conceito ético com uma valência positiva definida: independente, livre, empoderada;
- (iv) conceito denso com uma valência aberta: sedutora.<sup>9</sup>

<sup>8</sup> A grafia dessa palavra também é encontrada como ‘viado’ principalmente em redes sociais.

<sup>9</sup> Aqui quando usamos *conceito ético denso* estamos falando sobre um conceito da filosofia da linguagem que no inglês aparece como *thick term* e combina conteúdo descritivo e conteúdo avaliativo em seu significado.

Continuando com o termo ‘piranha’, o qual pode ser - dependendo de quem fala e do contexto - um estereótipo misógino associado a um certo conjunto de conceitos, quando usado de forma pejorativa carrega um estereótipo constituído por um conjunto aberto de conceitos mais básicos, centrais e periféricos, os quais são culturalmente construídos e refletem preconceitos e visões negativas sobre a sexualidade feminina.

Como conceito mais básico para ‘piranha’ temos: mulher sexualmente ativa, vista como moralmente repreensível pela sociedade; e como conceitos periféricos: manipuladora, destruidora de lares, vulgar, perversa. Esses conceitos não somente reforçam estereótipos de gênero, mas também buscam restringir e punir comportamentos de mulheres que desafiam as normas sociais conservadoras. No entanto, em certos contextos, o termo pode ser resignificado, seja por movimentos feministas como uma expressão de autonomia sexual e quebra de tabus ou então ao ser usado por homens em músicas principalmente do gênero musical *funk*, no entanto, reforçamos que esse termo - ainda - é mais usado de forma pejorativa direcionado a mulheres. Quando é usado de maneira resignificada ou reapropriada, as condições para tanto são, simplificadaamente, que dois indivíduos vítimas do preconceito perpetrado pela injúria usam a injúria para dirigirem-se uma a outra de modo não a ofender, mas sim para mostrar solidariedade (cf. Davis e McCready, 2020).

É importante destacar que os conceitos associados a estereótipos não são necessariamente verdadeiros; afinal os estereótipos podem conter desinformação e generalizações como essas características dadas como negativas de mulheres que exploram sua sexualidade podem não se aplicar a todos os membros desse grupo em questão. É interessante pontuar que pelos estereótipos não serem racionais nem objetivos eles podem abranger conceitos que podem ser contraditórios entre si; no caso das mulheres, as injúrias de gênero podem ser associadas a liberdade, mas também podem ser associados a libertinagem, como na grande maioria das vezes.

Em resumo, numa abordagem como a de Orlando e Saab (2020), o significado de uma injúria tem um componente descritivo, cuja função é identificar um grupo de indivíduos, e tem um componente expressivo, cujo conteúdo é determinado por um estereótipo negativo associado a uma característica ou propriedade de indivíduos que compõem o grupo alvo, segundo a perspectiva (preconceituosa) de quem usa uma injúria. A seguir, apresentaremos mais detalhes dessa forma de análise.

## Análises linguísticas

O texto de Orlando e Saab, *A Stereotype Semantics for Syntactically Ambiguous Slurs* (2020), afirma que as injúrias podem perder sua dimensão verdade-condicional por meio de um processo sintático. Esses termos deixam de contribuir para o significado literal de uma sentença (conteúdo pode ser verdadeiro ou falso) e então passam a funcionar como epítetos expressando apenas uma carga emocional ou avaliativa. Porém, os autores argumentam que nem todos os xingamentos podem se tornar epítetos somente por processos sintáticos.

A hipótese apresentada é que existe uma correlação entre a capacidade de um xingamento atuar como epíteto e sua relação com um termo neutro correspondente. Quando essa relação é considerada mais fraca, ou seja, quando os falantes já não associam facilmente o xingamento a seu significado original neutro, a probabilidade de ser usado como epíteto é maior. Portanto, se o contrário ocorrer, maior a chance do termo funcionar como epíteto. Vejamos as análises sobre o termo neutro ‘mulher’ e a injúria ‘vaca’ que são um exemplo dessa forte relação. Embora ‘vaca’ tenha um significado original neutro que se refere ao animal, a conexão entre o termo ofensivo e o sentido literal é facilmente reconhecida. Dessa forma, ‘vaca’ pode não ser um epíteto com tanta frequência, pois seu vínculo com o significado literal permanece forte.

Já a relação entre o termo ‘veado’ usado como injúria homofóbica e o animal, também chamado de ‘cervo’, é menos evidente para muitos falantes, o que facilita que o termo funcione como um epíteto, carregando apenas a carga pejorativa sem que o seu significado literal esteja presente.

Um exemplo de perda total de conexão com o termo neutro é o termo ‘piranha’ usado como injúria sexista para se referir a mulheres; ainda que ‘piranha’ se refira, literalmente, a um peixe, podemos afirmar que a maioria dos falantes não associa diretamente o xingamento ao animal. Esse afastamento do significado original permite que o termo atue como um epíteto, expressando apenas a carga ofensiva.

Continuando com a injúria sexual ‘piranha’, se aplicarmos testes linguísticos baseados nas mesmas sentenças de Orlando e Saab (2020) - porém agora utilizando o português brasileiro - para analisar injúrias podemos chegar a algumas conclusões sintáticas e semânticas interessantes.

Utilizando uma condição expressiva, um estereótipo convencionalmente associado que como já vimos pode ser: ‘piranha’ = mulher considerada promíscua,

interesseira, mulher fácil, que mantém relacionamentos com diversas pessoas ao mesmo tempo, prostituta, sedutora. Podemos realizar as seguintes análises:

(9) Aquela piranha chegou atrasada.

Aqui, ‘piranha’ não é mais um predicativo, mas um epíteto que qualifica o nome de maneira mais subjetiva e expressiva. O uso do demonstrativo ‘aquela’ pode reforçar um tom depreciativo por sugerir distanciamento ou desdém. Há uma relação de posse ou pertencimento, o que aparenta que o falante quer destacar uma característica do indivíduo. Perceba como a seguinte frase (10) comparada a (9) funciona:

(10) Aquela piranha da Joana chegou atrasada.

Para o caso de (9), ‘piranha’ continua sendo o núcleo do sintagma nominal e ‘da Joana’ é usado para identificar uma característica associada à Joana, podendo atenuar ou reforçar uma pejoratividade, ou até ser usado como ironia a depender da entonação, bem como do contexto.

A modificação de grau nos fornece outro teste sintático e semântico, sendo compatível com epítetos e outros modificadores graduáveis. Vejamos em (11) como o termo ‘piranha’ pode ser interpretado:

(11) Joana é muito piranha.

Nesse caso, ‘piranha’ é usado como predicativo do sujeito e o uso do advérbio ‘muito’ indica o grau da característica atribuída, geralmente esse advérbio modifica adjetivos, advérbios ou verbos, mas nesse caso ele intensifica um substantivo, o que ocorre em registros informais da língua.

Como podemos observar em (12), ‘piranha’ também aceita variação de número:

(12) Joana e Gabriela são muito piranhas.

Sabemos que do ponto de vista pragmático, o uso de ‘piranha’ carrega um valor subjetivo dependendo do contexto social e da intenção comunicativa. Em situações informais pode ser empregado como uma injúria de gênero de base sexual, reproduzindo

estereótipos negativos sobre a sexualidade feminina. No entanto, dependendo do grupo social que o utiliza, o termo pode ser ressignificado como um instrumento de empoderamento desafiando esses mesmos estereótipos. Esse duplo funcionamento traz como evidência como os significados linguísticos não são fixos e contestam construções sociais cristalizadas.

Assim, com essas análises linguísticas, percebemos que não podemos ignorar a sintaxe, afinal, a posição de cada palavra que compõe a sentença possui sua relevância tanto na construção do significado quanto na sua interpretação. Uma vez que a sintaxe não apenas organiza os elementos da oração, mas também possui influência na carga semântica e pragmática das palavras. No caso de ‘piranha’ pudemos observar que o termo pode funcionar como substantivo, epíteto ou adjetivo ad hoc a depender da sua posição e do contexto sintático em que está inserido. Essa variação sintática, por sua vez, pode reforçar ou atenuar os estereótipos que o termo carrega. Uma investigação aprofundada sobre sintaxe, contudo, é tema para trabalhos futuros.

### Considerações finais

Diante das análises apresentadas, baseadas na teoria sobre injúrias de Orlando e Saab (2020), podemos concluir que as injúrias derivadas de nomes de animais no português brasileiro contemporâneo possuem um funcionamento linguístico e social complexo, estando diretamente ligadas ao reforço dos estereótipos culturais mais arraigados, associando características negativas a determinados grupos sociais.

### REFERÊNCIAS

- ADAMS, C. J. **A política sexual da carne**: Uma teoria crítica feminista-vegetariana. São Paulo: Alaúde Editorial, 2018.
- ASHWELL, L. Gendered Slurs. **Social Theory and Practice**, v. 42, n. 2, p. 228-239, 2016.
- BASSO, R. M.; SILVA, G. Uma tipologia linguística para pejorativos baseados em nomes de animais no português brasileiro: A linguistic typology for animal-based pejoratives in brazilian portuguese. **Revista Do GEL**, v. 21, n. 1, 36-53, 2024.
- DAVIS, C.; MCCREADY, E. The Instability of Slurs. **Grazer Philosophische Studien**, n.97, v.1, p. 63-85, 2020.

FRIGERO, A.; TENCHINI, M. P. On the non-specificity of slurs. **Rivista Italiana di Filosofia del Linguaggio**. doi: 10.4396/SFL2019ES07, 2020.

GUTZMANN, D. **The Grammar of Expressivity**. (Oxford Studies in Theoretical Linguistics 72) Oxford: Oxford University Press, 2019.

GUTZMANN, D. **Use-conditional meaning**: studies in multidimensional semantics (Oxford Studies in Semantics and Pragmatics 6). Oxford: Oxford University Press, 2015.

HESS, L. Slurs: Semantic and pragmatic theories of meaning. In: STALMASZCZYK, P (Ed.), **The Cambridge handbook of the philosophy of language**. Cambridge: Cambridge University Press, 2021.

KAPLAN, D. **The meaning of *ouch* and *oops***: Explorations in the theory of meaning as use, 2004 version. MS, University of California, Los Angeles, 1999.

MCCREADY, E. **Varieties of conventional implicature**. Semantics and Pragmatics, 2010.

ORLANDO, E; SAAB, A. A stereotype semantics for syntactically ambiguous slurs. **Analytic Philosophy**, 2020.

POTTS, C. **The expressive dimension**. Theoretical Linguistics, 2007.

POTTS, C. **The logic of conventional implicatures**. Oxford studies in theoretical linguistics. Oxford: Oxford University Press, 2005.

PUTNAM, H. “**Is Semantics Possible?**”, reprinted in *Mind, Language and Reality*. Philosophical Papers vol. 2. (Cambridge: Cambridge University Press, 1975), 1970.

SCRUTON, E. **Gendered Insults in the Semantics-Pragmatics Interface**. Bachelor thesis, Yale University, 2017.

SILVA, G. C.; BASSO, R. M. A natureza da ofensa dos termos derivados de animais. **Afluente**. 2024.

SOUTIF, L.; MÁRQUEZ, C. Expressives and the Theory of Bias. In: ORLANDO, E.; SAAB, A. **Slurs and Expressivity**: Semantics and Beyond, 2020. p. 95-116.

### Como referenciar este artigo:

SILVA, Giovanna Costa. Estereótipos e nomes de animais usados como pejorativos no português brasileiro. **revista Linguasagem**, São Carlos, v.49, n.1, p. 85-99, 2025.

*Submetido em: 04/04/2025*

*Aprovado em: 10/08/2025*